

O amor do Deus de Jesus Cristo e o seu reflexo na família

Introdução

Deus e família dizem-se e redizem-se, um diz o outro, Deus diz a família e a família diz Deus. Para dizer Deus há que recorrer à analogia familiar. Deus para Se dizer recorreu à analogia familiar, encarnou numa família de Nazaré, e, por isso, passou a ser conhecido como um Deus familiar na plenitude do tempo depois de uma longa história com Israel (cf. Heb 1,1-2). Deus para mostrar que é Amor assume a carne do maior amor humano que é a família, familiariza-se conosco no Seu Filho. Isto significa então à partida que a família constitui uma imagem trinitária tão adequada que até o próprio Deus dela se serve para Se dizer. Daqui decorrem então algumas questões que acompanham a relação a Deus e a relação de Deus ao mundo: mas afinal que tipo de família? Qual é a família de Deus? São todas as famílias possíveis? Terão todas o mesmo valor? É indiferente o tipo de família? Deus consegue dizer-Se em todas as famílias e em todos os tipos de família? O que é que a família dá a Deus e o que é que Deus dá à família, às nossas famílias?

Pensar o nosso Deus triunitário só é possível numa fé familiar a partir também de uma revelação familiar, cuja consistência e unidade a própria fé descobre como familiar. O pensamento acede familiarmente a Deus pois Deus apresenta-Se como tal. Mas continuam as questões anteriores: sendo a família uma instituição e uma realidade humana, em que medida sacramentaliza um amor que a excede? E como não é de modo automático uma transparência da transcendência?

Privilegiaremos neste percurso muito breve a companhia dos evangelhos e sobretudo de Paulo¹: o segundo pelo contacto inicial que teve com muitas famílias e por começar a Igreja nas famílias, no lar, em ambiente mais pequeno mas mais

¹ É bastante extensa a literatura paulina sobre o uso que o apóstolo faz da imagética familiar: cf. DANIEL VON ALLMEN, *La Famille de Dieu: La symbolique familiale dans le paulinisme*, [= OBO 41], Göttingen 1981; ABRAHAM J. MALHERBE, *God's New Family in Thessalonica*. In L. MICHAEL WHITE – O. LARRY YARBOROUGH (eds.), *The Social World of the First Christians: Essays in Honor of Wayne A. Meeks*, Minneapolis, Fortress Press 1995, 116-125; HALVOR MOXNES (ed.), *Constructing Early Christian Families Family as Social Reality and Metaphor*, London, Routledge 1997; E. ELIZABETH JOHNSON, "Apocalyptic Family Values", *Int* 56/1 (2002) 34-44; REIDAR AASGAARD, *My Beloved Brothers and Sisters: Christian Siblingship in Paul*, Edinburgh, T&T Clark 2004.

personalizado; os primeiros porque não deixam de registrar a família alargada a que pertence Jesus (cf. Mc 3,31-35). No v.35 Jesus alarga a sua família para lá dos limites de Nazaré: “aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão (adelphos), minha irmã (adelphê), e minha mãe (mêter)”². A família de Jesus não depende dos laços de sangue, porque o sangue pode não transmitir qualquer vida familiar.

1. O amor familiar de Deus

Ao longo da história de Israel, Javé para mostrar que ama amou, não disse apenas que ama nem apenas que salva. Ama salvando e salva amando, sendo O único que salva, O único que ama verdadeiramente Israel. Esta relação teve momentos de grande familiaridade. Moisés tinha o privilégio de estar diante do Senhor “face a face” no Horeb (cf. Ex 33,1). O deserto é o momento onde várias vezes Deus tenta salvar o seu casamento com Israel (cf. Jer 2; Ez 16). Deus apresenta-Se ao povo como Pai, se bem que poucas vezes: “Efraim é o meu filho querido, o meu menino muito amado” (Jer 31,20). Já desde o Êxodo Javé amou, formou maternalmente o seu povo (“acaso fui eu que concebi este povo? Fui eu que o dei à luz?” (Num 11,12), mesmo que perplexo com a história livre subsequente. Nesta história, Moisés vê onde chegou a família de Deus: “pecaram contra Ele os filhos degenerados esqueceste o Rochedo que te criou, o Deus que te formou” (Dt 32,5.18). O trito-Isaías reconhece que esta é uma família que Javé modelou: “mas Tu Senhor é que és nosso Pai, nós somos a argila e o Tu és o oleiro” (Is 64,7). Modelou com um amor eterno (cf. Jer 31,3). Os israelitas passaram a ser o povo consagrado ao Senhor: “vós sois filhos do Senhor vosso Deus” (Dt 14,1-2) que Javé continua a preferir amorosamente mesmo depois de o povo Lhe ter desobedecido e de O ter esquecido. Contudo, Deus não era apenas *pai* para Israel. Javé era igualmente pai do

² ANTONIO LOZÁN PUN LAY, “Pertencer a la verdadera familia de Jesus. Un estudio de Mc 3,31-35”, *Estudio Agustino* 45/2 (2010) 232 sintetiza muito bem as três grandes interpretações desta relação adélfica e filial de Jesus: Helvídio em 380 d.C. identificava estes irmãos com os irmãos de sangue (redução que o grego não permite); Epifânio bispo de Salamina em Chipre por volta de 383 d.C. defendeu que se tratava de filhos que José teria tido com outra mulher; por último, S. Jerónimo defendeu a virgindade de Maria contra Helvídio identificando estes “irmãos” com os primos de Jesus, filhos de Maria mulher de Cléofas e irmã da Virgem. Sobre as diversas leituras ver PHILIP SCHAFF (1819-1893), *History of the Christian Church* (New York ³1882), Vol. III: *Nicene and Post-Nicene Christianity. A.D. 311-600*, Michigan, Grand Rapids, CCEL 2002, 162.

monarca de Israel e do rei messiânico. A profecia de Natan a David atesta-nos a paternidade divina sobre o rei de Israel numa familiaridade absolutamente singular: “.....eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho” (2 Sam 7,12-16), a qual, à semelhança dos povos vizinhos, exprimia uma proximidade do rei com a divindade do povo (“Tu és meu pai, és o meu Deus rochedo da minha salvação”: Sl 89,27). O cronista actualizou esta profecia aplicando-a reiteradamente ao rei messiânico³. Para a comunidade pós exílica o rei messiânico será, à semelhança do monarca de Israel, o ungido de Javé dotado com a plenitude dos dons do Espírito (cf. Is 11,1-2), filho de Deus de um modo particularmente íntimo (cf. 2 Sam 7,14; “conselheiro admirável, Deus forte, pai eterno, príncipe da paz”: Is 9,5), tendo a Javé como Pai (cf. Sl 89,27a) e salvador (cf. 1 Sam 2,10b; Sl 89,22.27b).

Todavia, Javé, o Deus de Israel não tinha nenhuma deusa co-criadora junto de Si. Apesar disto, a figura de Deus como Pai está carregada de traços que não são exclusivamente masculinos. O A.T. serve-se igualmente de imagens maternais e de símbolos femininos para evocar a misericórdia de Deus e significar que Ele age paternal e maternalmente em favor de Israel Seu primogénito (“o meu filho primogénito é Israel”: Ex 4,22), se bem que o substantivo *’im* (mãe) nunca qualifique directamente Deus em todo o A.T. Mas, de modo significativo e paradoxal, a fórmula definitória divina no A.T. é em si mesma na própria filologia uma adjectivação feminina (cf. Ex 34,6: “hanûn werahûm”) inspirada na relação familiar mais íntima e forte que é a da mulher grávida.

Esta relação familiar atingiu o seu grau mais alto no próprio Filho Jesus, cuja encarnação em nenhum momento está avisada no Antigo Testamento. Esta “paternidade” constitui uma absoluta novidade face ao judaísmo, meramente analogada em Israel. Essa analogia da figura rara de Deus como *pai* em Israel prepara, apenas prepara a encarnação de Jesus na sua relação abbática absolutamente singular ao Deus de Israel. A encarnação permitirá pensar Deus à maneira familiar, e a posterior reflexão cristã sobre a teologia do Espírito abrirá as portas para melhor pensar o nosso Deus como uma família triunitária. Essa relação familiar é pré-existente, continuando o conceito “pai” a ser uma das melhores categorias para nomear Deus revelado paternalmente em seu Filho Jesus Cristo,

³ Cf. 1 Cron 17,13; 22,10; 28,6. Ver SANTOS SABUGAL, *Abba. La oración del Señor* [= BAC 467], Madrid, Cristiandad 1985, 373.

ainda que não a única. Deus quis familiarizar-Se a Si e ao Seu Filho connosco. O amor entre ambos – que é o Espírito – activou esse processo a partir da Anunciação. O quarto evangelista vai falar em termos de *tenda* (cf. Jo 1,14). Deus “eskênosen”, armou uma tenda, entrou numa relação familiar connosco, a mais familiar possível (por isso a definitiva no sentido de escatológica) ao entrar no ventre da Virgem de Nazaré. Foi a melhor e mais apropriada palavra da apresentação de Deus, em ambiente familiar, encarnando na nossa familiaridade, numa relação familiar, a mais entranhada possível. Se Deus arma a tenda na nossa condição familiar, tornando-Se familiar a nós, assim se *entende* que Deus Se revele numa família, que Deus tenha uma *tenda em uma família*. Tal acontece historicamente, numa relação inter-subjectiva, para construir uma comunhão familiar⁴. A família de Nazaré cumpre esta função da tenda. Ela é a tenda de Deus desde o seio de Maria. Deus para mostrar efectivamente que ama vai ao ponto de submeter-se a uma mãe – Maria. No período pós-pascal submete-Se ao amor da figura dessa Mãe – a Sua esposa a Igreja – para continuar a familiarizar-Se e a estar connosco.

A partir da encarnação o nosso Deus passou a estar presente de modo ainda mais subliminar, literalmente *en-tendeu-Se*, pôs a Sua tenda em nós para que a nossa tenda se *en-tenda* com a Sua tenda e para Ele passando a ser uma tenda nEle, na Sua tenda. Deus familiarizou-se ainda mais historicamente em Jesus, passou a ser um Deus campista, porque construiu casa connosco, entrou no nosso lar – na nossa / sua criação. Armou uma tenda como uma família arma uma tenda – com o contributo dos membros da sua família (o Filho e o Espírito), e como qualquer tenda com pouca coisa. Esta tenda vai abrir e receber o sol da fé e da credulidade, como também vai suportar a tempestade do nosso pecado. Fica à mercê de todos, e é visitável por todos. É uma tenda no meio de outras tendas, no meio da nossa tenda, no meio da tenda do nosso pecado. Por isso, também é provisória. Depois da Páscoa, Lucas substitui esta tenda da encarnação pela tenda da presença do Espírito. Nesta tenda de Deus há muito espaço, porque a tenda pode ser ligada às outras. Nesta tenda todos comem à mesma mesa e nenhum transeunte é excluído, nenhum estrangeiro, nenhum peregrino, viandante, refugiado ou foragido. Esta tenda permanente do Espírito não coincide com as *sukkôt* que todos os anos Israel levanta

⁴ Isto redefinirá totalmente a categoria teológica de “revelação” na teologia contemporânea (depois da renovação teológica iniciada e continuada por Karl Barth) como o mostra a DV 2.12.

no final do Verão (cf. Lev 23,33-43). Esta tenda de Deus *distendeu-se* na história e deseja que a nossa tenda se *distenda* até à sua. Para tal é necessário que cada uma das nossas tendas atenda à tenda da família divina, tenda essa que no Filho de Deus é também a tenda de uma família humana. Sempre que a tenda do nosso pecado não atende à tenda desta Família, essa mesma Família entra por amor em contenda com a nossa tenda. Tal acontece não apenas por ofensa, mas porque por graça a tenda divina deseja que a nossa tenda entenda a sua contenda, a tenda que quer construir connosco, *tentando* assim que a nossa tenda fique em tenda de comunhão com a tenda da Família divina. Este esforço de familiarização de Deus visa que a nossa tenda não pre-tenda outra tenda, outra relação, no fundo outra família, colocando à partida outra tenda que não permita que Deus nos atenda ao nosso pecado para que este não nos des-atenda.

2. A tenda de Nazaré

Jesus vai aceder ao mundo por uma família em Nazaré, Ele que vem da Família triunitária. Esse é o seu contacto com a história. Na família de Nazaré aprende muita coisa, ainda que não saibamos muito. Foi-nos deixado o essencial. Em Nazaré Deus constrói a sua família, marcada pela simplicidade de Nazaré e pela paganidade da Galileia, longe dos holofotes de Jerusalém. Abre-se à cultura grega em Séphoris e tem acesso ao mundo do comércio e dos artesãos em Beth-Shean. A família de Nazaré acolhe uma vida que não esperava, mas acolhe-a, tal como a vida do Pai é acolhida na vida do Filho e do Espírito, e inversamente. Para a família de Nazaré acolher a Segunda Pessoa da Família triunitária são necessárias duas Anunciações – a Maria e a José. Esta família tem parentes em Isabel e em João Baptista. Esta tenda de Nazaré está marcada pela simplicidade familiar desde o início. Tanto é assim que Jesus começa logo por estabelecer uma posição familiar ao ser visitado pelos pastores no tom familiar da narrativa lucana. Mesmo quando os visitantes são magos (cf. Mt 2). É a esta simplicidade quotidiana que já está habituado Jesus na eternidade junto do Pai. Mas esta família de Nazaré habituou-se cedo às dificuldades. Jesus começou por não ser *atendido* em qualquer albergue de Belém, afinal uma parábola de toda a sua existência. A tenda de Nazaré não conseguiu acampar em Belém, e a tenda de Deus não vai conseguir ser

construída anos depois, não longe dali, no Gólgota em Belém. Quer uma família quer outra não conseguirão acampar nem construir a sua tenda. Maria e José não são atendidos em Belém e Deus será des-atendido em sexta-feira santa, será posto fora da nossa tenda. Apesar de tudo ambas as famílias não se separam, mantém-se unidas, as circunstâncias não quebram os laços, pois não separe o homem o que Deus uniu. Deus também não vai desistir depois de sexta-feira santa, mesmo depois de ver desarmada a sua tenda.

Esta tenda familiar de Nazaré põe Deus em primeiro lugar. Por isso, circuncida o Menino ao oitavo dia segundo a tradição judaica (cf. Lc 2,21) e ao trigésimo dia celebra o resgate do primogênito – o Pidion haBen. A família de Nazaré celebra as grandes festas que marcam o calendário litúrgico de Israel, festividades nas quais Israel se dá conta que o seu Deus – o nosso Deus – é um Deus familiar e que nenhum outro povo tem assim um tal Deus (Sl 77,14), um Deus que intervém desde o Egito em favor dos seus, um Deus que “resgataste com a tua força o teu povo, os filhos de Jacob e de José” (v.16). Jesus vê a sua família celebrar então estas grandes festas, vê Maria e José marcarem o tempo com tempos de solene familiaridade com Javé. Por isso, Jesus vai a Jerusalém por alturas da Pesah. Ainda que nada seja relatado nos evangelhos, no primeiro século está difundida já a festa dos Purim, sendo a festa mais importante de qualquer família a celebração do shabbat. De acordo com as respectivas “seudôt mitzvôt” (prescrições), nestas celebrações diz-se bem de Deus, Javé está presente na família. O mesmo sucede nas festas das Shavuôt (Semanas), do Rosh Hashshanah (ano novo), no dia do yom Kippur (cf. Lev 16), na festa das Sukkôt (tendas), das Shemini Atzêret (no “oitavo dia da assembleia” no vigésimo segundo dia do mês de Tishrêi: cf. *bRoshHash* 4b), na festividade da Simhat Torah (da Lei), e na grande festa da família que começa que é a festa de casamento (Shidukin: cf. Jo 2). A família de Nazaré também jejua. No grande dia de jejum no mês de Julho ou de Agosto do nono dia do mês Av (o Tisha Be’Av) a religião judaica faz jejum um dia inteiro, não come nem bebe vinho para recordar a amargura das duas grandes destruições (cf. 2 Re 25,8; Jer 25,12) que ocorreram ao povo judeu ao longo da história bíblica (a do primeiro e a do segundo templo de Jerusalém (cf. *taanit* 26b-29a). Este dia de jejum é antecedido por uma refeição em família a marcar, a

anteceder esse dia, chamada de “seûdat hamafséket” (refeição de separação). Javé celebra todas estas festas em família, com a família. Não é só Ele O celebrado.

A recente exegese tem explorado e relido com maior respeito quer a literatura talmúdica quer o conjunto dos textos apócrifos. Os apócrifos sobre a Virgem apresentam ecos judaico-cristãos com categorias judaicas da haggadah nos quais é possível descortinar alguns traços da vida quotidiana de Nazaré. Como qualquer mulher do povo judeu, ao acordar de manhã Maria rezava a oração de bênção (“bendito sejas Senhor que me criastes pela tua vontade”) ou o hallel da manhã (cf. Sl 144-150)⁵. Os homens tinham de recitar três orações distintas além do Shemá’: “bendito o Senhor que me criou hebreu e não pagão” (sh’asany israel shelô ‘asany yîshah shelô ‘asany bôr); “bendito sejas Senhor porque me fizeste varão e não mulher” (cf. bMen 43b; tBer 7,18; yBer 9,2.12b); “bendito sejas Senhor porque me criaste homem livre e não escravo”. Como qualquer judeu ou mulher judia sabe que o seu corpo é uma *menorah de Deus*, é templo (*naos*) do Espírito Santo (cf. 1 Cor 3,17), o local mais sagrado e recôndito da presença de Deus ao mundo e à consciência (cf. Act 19,24; 1 Esd 2,16). Este templo traduz não o átrio mas o *qodesh qodashim*, o sacrário (*debir*) onde se encontra a arca da aliança (cf. 1 Re 8,6), sinal da presença absolutamente familiar de Deus ao seu povo, à cidade de Jerusalém e ao mundo. Maria podia ir à sinagoga, ainda que as mulheres não tivessem à altura a estrita obrigação de rezar. Aí ouvia a recitação diária da *Tephil’la* e do *Shema’*. São conhecidas as sinagogas trazidas à luz pela arqueologia em Gamla, em Jericó e em Massada. Aí, e com essa oração, Maria elabora cada shabbat uma *lectio conflata* de Num 15,37-41; Dt 6,4-9; 11,13-21 de acordo com as regras do derash. Esta poderá ter constituído uma *gezerah shawah* na órbita da sua fé. Na recitação do *Shema’* Maria dá graças ao Deus de Israel e de toda a criação, ouvindo a recitação das bênçãos ao Deus criador da luz (*Yotzer ‘Or*) e do amor (*Ahaváh*)⁶. Tudo isto é feito em família na grande família sinagoga.

No shabbat Maria acende as velas e proclama a bênção como todas as mães de família: “bendito sejas Senhor que nos permitistes acender as luzes” (cf. Ber 3,3-4). Ou seja, ao proclamar a bênção diz bem de Deus. Com isto vai cumprindo a sua vocação de dar à luz. Paulo, o fariseu de tradição ensinado na escola de Gamaliel (cf. Act 22,3),

⁵ Cf. ISMAR ELBOGEN, *Jewish Liturgy A Comprehensive History (1913)*, New York-Jerusalem 1993, 78.

⁶ Cf. CARLOS DEL VALLE, *La Misna (c.220)*, [= BEB 98], Salamanca ²1997, 1458.

afirma isto mesmo ao recordar que “a mulher salvar-se-á dando à luz” (1 Tim 2,15), fazendo-se mãe. De acordo com as fontes judaicas, também as mulheres no primeiro século desejavam apresentar-se ao Senhor em Jerusalém, ainda que não as três vezes como para os homens. Maria está presente na Bar-Mitzvah de Jesus aos doze anos no templo, de acordo com a tradição judaica⁷. Terá ouvido José rezar a oração apropriada para o evento, como acontecia sempre que uma família apresentava o seu primogénito para começar a ler a Torah em público: “bendito sejas Senhor por me tirares a responsabilidade deste rapaz” (GenRab 63,14). Participa na festa do gozo de tomar água, a chamada *simhat beth ha shoeva*, uma festa que tem lugar na festa das *Sucot*, na qual se dá um lugar especial às mulheres pois o pátio do templo para as mulheres é iluminado e os hassidim dançam (*Suk* 51a). Ao longo da juventude de Jesus vê e ouve José e Jesus a rezar a oração do *Qaddish* quando lêem uma passagem da Torah. Maria, por isso, reza interiormente as palavras de José e de Seu Filho pedindo que o Nome de Deus seja exaltado, glorificado e celebrado, que o seu reino chegue, que advenha até nós⁸.

É uma família pobre a de Nazaré, como Deus é pobre: só tem duas pombas para oferecer aquando da apresentação do Menino no templo em Jerusalém após o seu nascimento (cf. Lc 2,22-41). Jesus vê Maria e José continuarem fieis aos esposais, cuja fidelidade é o sinal vivo da verdade bíblica. Põem Deus em primeiro lugar ao subir a Jerusalém várias vezes e por várias festas. Frequentam a tenda de Deus, ora a tenda da sinagoga ora a tenda do templo. Maria acende todos os sábados a menorah no shabbat, ouve José e Jesus rezarem três vezes ao dia o Shemá’. Jesus celebra normalmente a Bar-Mitzvah. Maria respeita José e José respeita Maria, porque José não chega nunca a aplicar o discriminatório direito matrimonial judaico no caso do libelo de divórcio. Como qualquer família, a família de Nazaré abrir-se-á à novidade e respeitará a liberdade de Jesus em seguir o seu caminho, pois vive da liberalidade de Deus. Deus Pai dá a Jesus a humanidade do crescimento numa família, amparado nas experiências maiores e mais sublimes do amor que são as experiências da recepção da maternidade e da paternidade. Maria junto à cruz (cf. Jo 19) vive uma experiência divina na medida em que como mãe que perde o Filho passa pelo mesmo crivo de amor (ainda que não o entenda totalmente)

⁷ Cf. R. J. ZWI WERBLOWSKY – GEOFFREY WIGODER (eds.), *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*, New York 1997, 100.

⁸ Cf. R. J. ZWI WERBLOWSKY – GEOFFREY WIGODER (eds.), *The Oxford Dictionary of the Jewish*, 296.

que Deus passa quando chega ao ponto de não Se coibir de entregar o Filho em sexta-feira santa (cf. Rom 8,34). Estas fidelidades desenham os contornos da família grávida de amor, construída na tenda do amor fiel e verdadeiro, não num amor qualquer.

3. A tenda do amor

Em jeito de apontamentos, importa um pequeno relance pelas cartas de Paulo para delas extrair os ensinamentos mais importantes sobre estas temáticas, sobretudo na inspiração que a gramática do amor proporciona. Paulo tanto usa o conceito quanto o verbo. No que a este último diz respeito, o “amar” (“agapáô”) é um sinal distintivo do cristão e para o próprio Deus: “se alguém ama a Deus, é conhecido por Ele” (1 Cor 8,3), pois “... Deus ama um doador alegre” (2 Cor 9,7). Amar constrói o matrimónio (“importa que os homens amem as suas mulheres como aos seus próprios corpos. Todo aquele que ama a sua esposa a si mesmo ama” Ef 5,28). Por isso, “cada uma tenha um só, do mesmo modo cada um tenha a sua própria esposa. Desse modo ama-se a si mesmo” (Ef 5,33). Amar para Paulo é cumprir lei, “não devais nada a ninguém a não ser o amor, pois aquele que ama o outro cumpre a lei” (Rom 13,8). Amar supera a amizade (“acerca da amizade não tendes necessidade que vos escreva. Com efeito, vós sois ensinados por Deus para vos amardes uns aos outros” 1 Tes 4,9), sendo esta já uma experiência divina. Este é um amor recíproco que começa já dentro do casal, da família. Assim, é deixado aos esposos uma missão, “maridos amai as vossas esposas como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela” (Ef 5,25). À comunidade de Colossos, na mesma área geográfica, deixa Paulo o mesmo ensinamento (“maridos amai as vossas esposas e não sejais ásperos com elas” Col 3,19). Por aí já passa a familiaridade de Deus.

Assim, amar não é somente o desejo ou a intenção de Paulo e das suas comunidades. É a actuação do próprio Deus que ama e recompensa esse amar (“quanto ao resto, está-me reservada a coroa da justiça, a qual o Senhor me retribuirá naquele dia, o justo juiz, mas não só a mim com também a todos os que são *amados* à sua manifestação” (2 Tim 4,8). Trata-se de uma adesão amorosa. Amando, Deus instaura-nos numa nova condição. Os filhos de Deus são os frutos do seu amor, são o objecto desse amor, são passivos a esse amor na medida em que são precedidos por ele: “ revesti-vos,

irmãos escolhidos por Deus, santos e *amados*, de sentimentos de misericórdia, piedade, bondade, humildade, mansidão e paciência” (Col 3,12). Sendo amados, os cristãos são escolhidos precisamente porque Deus os amou, os preferiu, os escolheu para Si (1 Tes 1,4; cf. 2 Tes 2,13). Essa escolha faz de Deus o Deus que ama com “grande amor no qual nos amou” Ef 2,4). Na mesma carta Deus é anunciado como Aquele que nos amou em Cristo, em quem vivemos e nos foi dado um sacrifício agradável ao Pai (cf. Ef 5,2). Praticamente isto resulta numa citação quase literal de Gal 2,20.

Além do verbo, Paulo distribui o conceito pelas suas cartas. No início da segunda parte da carta aos Romanos, o amor de Deus sustenta a esperança dando-lhe conteúdo (“a esperança não desilude, pois o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”: Rom 5,5). Este dom transmuta-se em dom pelo próximo, pelo *vizinho* completando assim a própria lei. Neste momento o amor é lei por si mesmo (Rom 13,10). Como dom espalha-se ao longo da vida como marca da vida dos batizados, ao ponto de que “tudo em vós aconteça no amor” (1 Cor 16,14). Este amor espelha o amor do próprio Cristo, amor que “nos envolve” (2 Cor 5,14). Na carta aos Gálatas é um dos grandes frutos do Espírito (cf. Gal 5,22). Paulo exorta as comunidades à volta da cidade de Éfeso a “enraizar-vos no amor” (Ef 3,17) e a “suportai-vos uns aos outros no amor” (Ef 4,2). Na reflexão sobre a Igreja o seu horizonte é o amor, não a instituição nem o poder. Por isso, o corpo de Cristo que é a Igreja é uma construção no amor (cf. Ef 4,16). Como realidade também humana que é necessita de uma contínua purificação. Paulo então reza “para que o vosso amor cresça ...” (Flp 1,9). Trata-se de um processo, de um dinamismo, de um desafio (“persegui o amor, sede zelosos nas coisas pneumáticas”: 1 Cor 14,1). Na troca epistolar com o amigo Filémon, Paulo recebe esse amor que lhe incrementa a alegria (como é próprio do amor): “irmão, o teu amor deu-me muita alegria ...” (Flm 1,7). Esse amor Paulo também busca. Deixa ao seu fiel companheiro Timóteo o amor como horizonte último de toda a actividade evangelizadora (“o fim da instrução é o amor”: 1 Tim 1,5). A instrução acontece no amor e não na autoridade. Só assim se ensina verdadeiramente, o que constitui uma revolução pedagógica⁹. Paulo conclui a segunda parte da carta aos Romanos com a sua grande síntese do Deus amor, Aquele Deus que “não poupou o seu próprio Filho mas entregou-O

⁹ Esta pedagogia é levada à prática pela grande família da casa do Gaiato fundada pelo Pe. Américo.

por todos nós” (Rom 8,32). Para pensar um Deus assim, Paulo parte das experiências humanas do amor. A *fenomenologia do amor* quer mostrar que, com a ajuda desta perspectiva, realiza-se em plenitude a intuição sapiencial bíblica de que o amor é mais forte do que a morte: “nem as águas caudalosas conseguirão apagar o amor” (Cant 8,6). De facto o amor postula por si mesmo a destruição da hipótese destruidora do amor, ou seja, postula uma perpetuidade, a impossibilidade da destruição, exige eternidade, quer não morrer, quer a ressurreição

“só o que se faz por amor dura para sempre e encontra-se imerso na consistência da realidade. Deste amor que se fixa na realidade é que se pode dizer que mostra a sua força pascal e triunfante aguentando e superando as tensões”¹⁰.

Buscar este amor é buscar Deus, amar deste modo é querer Deus por querer ser amado desta maneira. Sem ser o resultado desse desejo, Deus surge no acabamento desse desejo. Esse amor irresistível e para sempre fiel é Deus, essa familiaridade é Deus, essa *Geborgenheit*¹¹ (a segurança desse conforto familiar) é Deus. A categoria teológica de “família” dá assim conteúdo ao nome “Deus”, o que permite que ela se torne sacramento de Deus, e por isso mesmo linguagem de Deus.

4. A tenda da família

Para aqueles que têm a vocação ao matrimónio, Paulo abre o caminho de Deus. A família é caminho para Deus, a santificação dos esposos é caminho para a santidade de Deus, podendo então a família de Corinto ser uma experiência de Deus:

1 Cor 7,1-40 “Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher;² mas, por causa da imoralidade, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma o seu próprio marido.³ O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, de igual modo, a esposa ao seu marido.⁴ A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, de igual modo, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher.⁵ Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos juntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontidência.⁶ E isto vos digo como concessão e não por mandamento.⁷ Quero que todos os homens sejam como eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.⁸ E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também

¹⁰ Cf. WALTER KASPER, *Jesus, El Cristo* (1974), Salamanca: Sígueme⁷1989, 191.

¹¹ Isto mesmo é testemunhado por Matti no diário de MARGA BERCK, *Sommer in Lesmona*, Reinbeck bei Hamburg, Rowolt³³2000, 21.

eu vivo.⁹ Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.¹⁰ Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não venha a ser separada do marido¹¹ (se, porém, tal acontecer, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher.¹² Aos outros digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone;¹³ e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido.¹⁴ Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.¹⁵ Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão nem a irmã; Deus chamou-vos à paz.¹⁶ Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás a tua mulher?¹⁷ Ande cada um segundo o que o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É assim que ordeno em todas as igrejas.¹⁸ Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar.¹⁹ A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordens de Deus.²⁰ Cada um permaneça na vocação em que foi chamado.²¹ Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade.²² Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; de modo semelhante, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo.²³ Por grande preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.²⁴ Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado.²⁵ Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou a minha opinião, como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel.²⁶ Considero, por causa da angustiada situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está.²⁷ Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento.²⁸ Mas, se te casares, com isto não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.²⁹ Isto, porém, vos digo, irmãos, o tempo é limitado; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem;³⁰ mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem;³¹ e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa.³² O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor;³³ mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa,³⁴ e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, preocupa-se com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.³⁵ Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, sem distrações, ao Senhor.³⁶ Entretanto, se alguém julga que trata sem decoro a sua filha, estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem.³⁷ Todavia, o que está firme em seu coração, não tendo necessidade, mas domínio sobre o seu próprio arbítrio, e isto bem firmado no seu ânimo, para conservar virgem a sua filha, bem fará.³⁸ E, assim, quem casa a sua filha virgem faz bem; quem não a casa faz melhor.³⁹ A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no

Senhor.⁴⁰ Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus”.

Esta temática foi retomada a seguir no tempo em Rom 7,2-3 “² Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal.³ De maneira que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se a outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias”. Aqui fica claramente estabelecida a reciprocidade do matrimônio e a superação do libelo de Moisés, bem como a aceitação pacífica do matrimônio monogâmico e a indissolubilidade do mesmo. Esta família permite fazer uma experiência de Deus. Paulo em 1 Cor 7 estabelece um avanço e uma novidade radical face ao envolvente mundo judaico e grego. A mulher surge em 1 Cor 7 em total paridade com o marido, o que não era o caso nesses mundos onde a mulher tem, *de facto et de iure*, um estatuto de não paridade. Não podia, por exemplo, tomar decisões, o marido tinha todos os direitos sobre ela, era colocada à margem da vida social (ao contrário do que acontece nas comunidades paulinas). Quando se trata de ir para aprender as Escrituras, o farisaísmo do primeiro século só permite ao marido que saia¹². Ela não tinha acesso ao estudo da Torah nem podia recitar o *shemá*. Não tinha direito ao sinal da circuncisão. No judaísmo dessa época o divórcio por parte do marido é arbitrário (*mYebaim* 14,1; *mKetuv* 7,9-10; *mGit* 9,8). A mulher tem, ao invés, em 1 Cor 7 os mesmos direitos familiares perante o divórcio (vv.10.11), é tratada de modo igual no caso dos casamentos mistos (vv.12-13) e do chamado privilégio paulino (v.15), passa a poder dispor totalmente do seu próprio destino em plenas liberdade e dignidade¹³. O cônjuge não cristão não é mandado embora, não é repudiado, nem vice-versa. A iniciativa da separação vai ser deixada à parte não crente dos esposos no casamento misto. Assim, os pagãos já não contaminam, já não existe nada nem puro nem impuro, santo ou profano, tudo e todos são santificados em Cristo (cf. Ef 2,14).

Apesar disto, o próprio epistolário paulino recebeu intromissões posteriores de uma certa cultura não paritária no que toca à família. Algumas passagens (cf. 1 Tim 2,11-

¹² Ver a análise de boa síntese de MAGDALENA DEL BIANCO COTROZZI, *Le ebrei di fronte alla Bibbia*. In ADRIANA VALERIO (a cura di), *Donne e Bibbia Storia ed esegesi*, Bologna 2006, 152.

¹³ Cf. JEAN PAILLARD, *Règlement de Comptes avec Saint Paul* (Stockholm 1966), Paris 1969, 190.

15a; 1 Cor 14,33b-35; 1 Cor 11,2-16)¹⁴ são hoje consideradas interpolações posteriores da cultura presbiteralizada do primeiro século, da qual o próprio Paulo se distancia. O apóstolo não deixa de criticar a poliandria e as pluridivorciadas¹⁵.

Em 1 Cor 7 Paulo começa com um slogan de alguns estóicos bastante conhecido na cultura de Corinto, pois alguns grupos espiritualistas desprezavam o corpo¹⁶. Daí que alguns difundissem que “é bom que o homem não toque em mulher” (v.1). No v.12 (“Aos outros digo eu, não o Senhor....”) Paulo quer significar que a sua palavra tem menos autoridade. Distingue muito bem o que é fundamental e o que é opinião. No v.14 o membro “ápistos” (não crente) não anula a relação. Não diz nada sobre a impureza. O não crente não transmite impureza ao partner (mesmo na relação sexual). Isto implica não fugir do mundo. A interpretação de 1 Cor 7 ficou sempre à partida truncada pois julgou-se que a ética Paulina assentava num rigorismo extremo, é acusada de ser demasiado ascética e de secundarizar a própria ideia de casamento e de sexualidade¹⁷, sobretudo da mulher. Se lermos o v.1b sem o v.1a parece que Paulo entra em contradição. Afirmar que “é bom para o homem não tocar em mulher” parece contradizer Gen 2,18 “não é bom que o homem esteja só”. Ora, Paulo responde de facto “àquilo que vós escrevestes”. Está a responder aos coríntios, a uma das suas teses. Paulo mostra-se realista e pragmático, aconselhando e não ordenando. É salutar, é benéfico que os esposos se frequentem porque isso até ajuda a não cair na tentação. Paulo também não defende o imobilismo social, muito menos a escravatura, apenas que cada um pode fazer alguma coisa na situação em que está (“²¹ Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. ²² Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; de modo semelhante, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo. ²³ Por grande preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens. ²⁴ Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em

¹⁴ Cf. M. ADINOLFI, “Il velo della donna e la rilettura paolina di 1 Cor 11:2-16”, *RivB* 23 (1975) 94-110; M. BOUCHER, “Some unexplored parallels to 1 Cor 11 :11-12 and Gal 3,28 », *CBQ* 31 (1969) 50-58 ; JOHN PAUL MEIER, « On the Veiling of Hermeneutics (1 Cor 11 :2-16) », *CBQ* 40 (1978) 212-226 ; A. PADGETT, « Paul on Women in the Church : The Contradiction of Coiffure in 1 Cor 11 :2-16 », *JSNT* 20 (1984) 69-86 ; E. PAGELS, « Paul on Women : A Response to Recent Discussion », *JAAR* 42 (1974) 538-549 ; R. SCROGGS, « Paul and the Eschatological Women », *JAAR* 40 (1972) 283-303.532-537.

¹⁵ Cf. A. OEPKE, “gynê”, *TWNT* I (1933) 789; *GLNT* II (1966) 728.

¹⁶ Neste sentido ver JEROME MURPHY-O’CONNOR, *The First Letter to the Corinthians*, In *NJBC*, 804.

¹⁷ Cf. JAMES D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edinburgh 1998, 693.

que foi chamado”). Um grande parte dos motivos em 1 Cor 7 para Paulo dizer que seria preferível não casar tem a ver com a concepção de que o tempo que resta é curto. Se o tempo que resta é curto, então nem sequer adianta já mudar de estado de vida, seguir outra vocação na vida. Em primeiro lugar há que ter em conta que Paulo quer antes de tudo responder a questões concretas colocadas pela comunidade de Corinto (cf. 1 Cor 7,1.25). Paulo não queria construir uma teologia do casamento¹⁸, muito longe disso. O v.17 é decisivo: “cada um caminhe segundo a vocação que o Senhor lhe concedeu”. Paulo sublinha que a relação a Cristo é primeira. Não deixa de referir que o que ele diz sobre a preferência do seu estado de vida é apenas uma “opinião”. Por isso no v.9 apresenta uma tolerância de modo muito realista, mas apenas uma concessão (“Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado”). Esta é uma concessão de Paulo, mas uma advertência realista, ainda que casar-se por abrasamento não deva ser o processo normal para casar. Os motivos não deverão ser esses. Paulo apresenta Timóteo como modelo. Timóteo tem uma família que lhe dá a tradição e a educação. Paulo não tem uma concepção maniqueia ou dualista da sexualidade. O matrimónio não é pecado. A moral grega é muito mais laxista do que a moral paulina. Deus cria o homem e a mulher como diferentes e como iguais na dignidade. Por isso, Paulo é contra a homossexualidade e o adultério, tal como Jesus, pois isso põe em causa o projecto de Deus mas igualmente uma correcta antropologia.

Aos coríntios coloca-os entre dois mundos, o estoicismo e a revelação. Em 1 Cor 7,1-7 Paulo começa por alertar contra a “porneia”, e o casamento é um meio e o lugar eficaz para tal, é o espaço e o tempo da própria actividade do amor corporal dos esposos. Mas essas relações de amor não impõem a supremacia de um dos membros sobre o outro. Antes, são a expressão da reciprocidade conjugal, são a norma (vv.3-4). Deus também não se impõe à sua família, ao seu povo. Paulo reconhece que os carismas são diferentes para pessoas diferentes (v.7)¹⁹. O casamento e a vida celibatária para Paulo são apenas carismas. Recomenda o casamento monogâmico porque existem tantos desvios, tanta “porneia” (imoralidade) (v.2). Ao prevenir que uma mulher não se deve separar nem divorciar do marido, alude claramente ao ambiente e à legislação da Grécia onde tal era

¹⁸ Cf. JAMES D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edinburgh 1998, 694.

¹⁹ Cf. JAMES D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edinburgh 1998, 696.

permitido. Nessas circunstâncias, a parte lesada, a parte deixada não tinha qualquer palavra a dar, ficava totalmente desprotegida. Por isso, Paulo apresenta alguns critérios para evitar isso, para dar segurança e confiança na relação paritária a ambos os membros do casal. Na comunidade de Corinto muitos casais eram compostos por um dos membros não crente. Aí, as crianças não são para ser disputadas. A incredulidade de um dos membros não pode afectar o amor nem a vida das crianças, nem a vida da Igreja (v.15). Paulo recorda que a situação actual dos membros da comunidade, seja circunciso ou incircunciso, escravo ou homem livre, não é determinante para estar diante de Deus, pois Deus não faz acepção de pessoas. O que é decisivo é a observância dos mandamentos do Senhor (v.19). Então, não é decisivo mudar de estado de vida, casar ou não casar. Casar não é nem obrigatório nem impedido. Cada um siga a sua vocação. Paulo fala como pastor²⁰. Respeita a liberdade de cada um e a liberalidade da graça de Deus que concede dons diferentes para missões diversas, mas diferentes. Só isso. Paulo dá-se conta da complexidade da situação dos cristãos de Corinto²¹. Paulo nunca tenta justificar a procriação como fim último do casamento (*bonum fidei, sacramentis, et prolis*)²². O primeiro bem da relação familiar é o amor do par familiar, o amor entre os esposos. Esse é o primeiro bem a preservar e a atingir. Estabelece assim alguns princípios sobre o casamento em 1 Cor 7, à luz da actuação familiar de Deus ao longo da história de Israel:

1. Amar sob consentimento mútuo, pelo que mesmo a união física dos esposos é de comum acordo, o que implica que nenhum é objecto do outro;
2. A mesma situação de igualdade no domínio religioso, a liberdade religiosa na família;
3. Os mesmos direitos perante o divórcio, o que implica uma situação paritária nova. Mas Paulo não diz que o divórcio acontece porque uma das partes quer ou gosta ou lhe convém. Tal só acontecerá em situações extremas em que a parte lesada não é obrigada a suportar um fardo insuportável. Com isto não nega a indissolubilidade;
4. A reapreciação do casamento em termos de vocação e não de obrigação;
5. O celibato é apenas outra possibilidade de vida no respeito da sexualidade;
6. Respeito grande e realista pelas estruturas existentes, pois é aí que vivemos a vocação;

²⁰ Cf. JAMES D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edinburgh 1998, 697.

²¹ Cf. JAMES D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edinburgh 1998, 698.

²² Santo Agostinho diverge aqui de Paulo: cf. SANTO AGOSTINHO, *De bono conjug.* XVII.32 [= PL 40,385.394]; IDEM, *De nupt. et concup.* I.10.11 [= PL 44,420].

7. Paulo tem um altíssimo apreço pelo casamento; por ser coisa séria Paulo exige muita preparação e responsabilidade na assunção dos compromissos familiares (tal como em Israel, ninguém casa com Deus de ânimo leve, como se fosse uma brincadeira ou uma experiência a ver o que vai dar);
8. Igual tratamento no caso do privilégio paulino e dos casamentos mistos;
9. Inserção da vida matrimonial no horizonte do provisório. O grande casamento é com Cristo com quem os esposos vão casando até à vida eterna, pois Cristo continua vivo;
10. o amor entre os esposos é o primeiro bem do casamento, não é a prole (como era na Grécia)²³.

Em síntese, cada um pode ser cristão no estado civil em que está, não é necessário mudar de identidade e muito menos de cultura. Por isso, o casamento cristão tem na ordem da salvação a mesma dignidade que tem na ordem da criação, o que implica uma reciprocidade. Mas 1 Cor 7 mostra que nem todos assim pensavam. Neste cenário, Paulo tem de advertir as comunidades contra um perigo de desarmamento moral, pois sendo o homem para a mulher e vice-versa, sendo o corpo templo do Espírito Santo, segue-se que a fornicção (a imoralidade) é incompatível com a pertença a Cristo (cf. 1 Cor 6,12-20). Esta maneira paritária de organizar a família continua a própria tradição de Jesus, que de facto rompeu com a concepção patriarcal da família judaica²⁴, o que constitui uma novidade para o seu tempo.

5. A tenda da Igreja de Ef 5,22-33

A tradição deutero-paulina continua esta reflexão sobre o estatuto familiar da condição humana e, conseqüentemente, da própria Igreja. Não é apenas na proto-paulina carta aos Romanos (cf. Rom 9-11) que a Igreja é uma família²⁵, mas igualmente na

²³ Sobre este mundo ver S. GUIJARRO, *Kingdom and Family in Conflict*. In JOHN PILCH (ed.), *Social Scientific Models for Interpreting the Bible. Essays by the Context Group in Honor of Bruce J. Malina*, [= BIS 53], Leiden - Boston - Köln 2001, 225; IDEM, *Fidelidades en Conflicto. La ruptura con la familia por causa del discipulado y de la misión en la tradición sinóptica*, Salamanca 1998, 76-77; RAFAEL AGUIRRE, *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana*, Bilbao 1987, 100.

²⁴ No mesmo sentido ver ANTONIO LOZÁN PUN LAY, *Pertenecer a la verdadera familia de Jesus*, 212.

²⁵ Veja-se a síntese de JEAN-NOEL ALETTI, "Le Statut de l'Église dans les lettres pauliniennes. Réflexions sur quelques paradoxes", *Bib* 83 / 2 (2002) 153-174. Este trabalho está muito desenvolvido e detalhado em IDEM, *Essai sur l'ecclésiologie des lettres de Saint Paul*, [= EB 60], Pendé 2009.

tradição deutero-paulina, onde a familiaridade de Deus continua espelhada na nossa familiaridade, sendo que a relação esponsal permite à tradição deutero-paulina pensar a relação familiar esponsal entre Cristo e a Igreja, entre o Esposo e a Esposa, relação que só será paritária na dramaturgia do hino aleluiático de Ap 19,1-9²⁶. Em Ef 5 a família é lugar de reflexão eclesiológica, olha-se a esponsalidade da Igreja a partir da realidade familiar. Trata-se de uma relação analogada da esponsalidade da Igreja desposada por Cristo à luz da relação entre um homem e uma mulher, ela mesma condensada pelo mistério. Existe algo de mistério na relação entre a Igreja e Cristo tal como existe algo de mistério no amor entre os esposos. Isto mesmo está condensado numa única partícula gramatical. A partícula adversativa “de” contrasta o v.32b com v.32a de Ef 5 e tende a dar uma nova dimensão a um mistério dado previamente num nível determinado e autónomo (“este mistério é grande; com efeito, eu digo-o em relação a Cristo e à Igreja”). Por isso, o mistério refere-se a ambos os níveis de matrimónio, primeiro entre o homem e a mulher, depois entre Cristo e a Igreja. No ponto de partida está presente a relação homem-mulher trazida a Paulo da tradição sapiencial de Prov 30,18-19 (¹⁸ “Há três coisas que são maravilhosas demais para mim, sim, há quatro que não entendo: ¹⁹ o caminho da águia no céu, o caminho da cobra no penhasco, o caminho do navio no meio do mar e o caminho do homem com uma donzela”) e de Ct 8,6 (⁶ “Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é mais forte do que a morte, e o ciúme duro como a sepultura; as suas brasas são chamas de fogo, são veementes labaredas”). Mas o ponto de chegada da reflexão de Paulo é a relação Cristo-Igreja. Portanto, a aplicação do que Paulo diz não é universal, mas refere-o à relação marido-esposa, e não à relação entre qualquer homem e qualquer mulher; isto significa que a família a que Paulo alude aqui em Ef 5 não é a do direito romano (ainda que a tenha em conta). A carta aos Efésios está aqui a falar de um mistério da Igreja a partir da realidade familiar mais próxima que existe, mas incomparáveis. Na verdade, este mistério da familiaridade de Cristo com a Igreja é de índole escatológica. A relação marido-esposa está encerrada no mistério. É o mistério que interpreta a antropologia. Ef 5 não trata do mistério do matrimónio, mas precisamente do mistério de Cristo. É este mistério que os esposos devem imitar. Não é

²⁶ Neste sentido ver DONALD MCILRAITH, *The reciprocal love between Christ and the Church in the Apocalypse*, Rome 1989, 1.45.99.109.

o marido que salva a mulher, ao contrário de Cristo que salva efectivamente a Igreja. É uma relação desigual. O mistério é assim uma categoria hermenêutica. É um conceito que simultaneamente interpreta e exprime o seu conteúdo novo. Pelo mistério oferece-se apenas uma reflexão sobre a validade das novas realidades, pois a relação esponsal de Cristo à Igreja não coincide com a relação esponsal entre o marido e a esposa. É o seu paradigma.

Conclusão

O nosso Deus triunitário é em si mesmo uma família no sentido de ser um conjunto de relações familiares pericoréticas, sendo esta mesma categoria da “família” uma categoria hermenêutica. Como tal, solicita outras categorias na medida em que na sua familiaridade Deus permanece inesgotável. Isto faz com que nenhum conceito, nenhuma metáfora seja suficiente enquanto único espaço narrativo que a fé tem para dizer o mistério de Deus. Na verdade, toda a linguagem humana acaba por gozar, na sua analogia, de alguma inadequação:

“When metaphors, for example, become literalized to the point that they exclude other metaphors for the same subject or target domain, particularly in the case of God, they function as idols. Such has been said of the exclusive use of masculine imagery for God”²⁷.

Este mesmo cuidado foi acautelado na teologia de Israel. Por isso, pouquíssimas vezes Deus deixa que Israel o nomeie como Pai ou que Se apresente como tal. No entanto, as grandes experiências humanas do amor continuam a ser a melhor “transparência” do mistério do nosso Deus amante. Daí que as experiências da relação do esposo à esposa, da esposa ao marido, do filho ao pai e do pai ao filho, do irmão ao irmão continuem a ser, não podendo deixar de ser, lugares de Deus. Pelo que, a família, no mais nobre sentido do termo, e a partir das relações mais felizes, é linguagem de Deus.

José Carlos Carvalho, Coimbra 25-02-2011

Estudos Teológicos (2012).

²⁷ WILLIAM BROWN, *Seeing the Psalms: A Theology of Metaphor*, Louisville, Westminster John Knox Press 2002, 10.